

CORREIO ECONÔMICO



BC: Open Finance do país tem o 'maior escopo'

BC: "Open Finance do país é o maior do mundo"

Prestes a ser implantado, no ano que vem, o Open Finance brasileiro se consolidará como o maior do mundo, em termos de escopo (universo de clientela em potencial). A declaração foi feita pelo (ainda) presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, ao comentar que as 'diversas medidas regulatórias' nos últimos anos ajudaram a aprimorar negociações de ativos finan-

ceiros como recebíveis de cartões de crédito, recebíveis imobiliários e títulos de agronegócio. Na avaliação do dirigente do BC apontou a eliminação de fricções em negociações – como a dupla negociação e entraves para garantias – de modo a tornar as operações mais eficientes e seguras tanto a nível operacional quanto no nível jurídico", afirmou.

Transparência

Segundo Campos Neto, os financiadores terão acesso, "de forma transparente e equitativa" aos recebíveis e duplicatas estruturais. "Estamos na avaliação final de convenção das signatárias das regras de funcionamento do ecossistema".

Pilares

Ao atribuir a expansão do crédito à agenda de inovação do BC, o dirigente destacou quatro blocos como seus pilares: sistemas de pagamentos instantâneos (Pix), o Open Finance, Drex (real digital) e a internacionalização da moeda nacional.



Reprodução ECBR

Comércio eletrônico 'fez a festa' com pequenos

Dia das Crianças: comércio eletrônico fatura mais 10,2%

Prova do aquecimento da economia, o Índice Cielo do Varejo Ampliado (ICVA) apresentou alta de 10,2% no faturamento do e-commerce na semana do Dia das Crianças, percentual que é quase o dobro do atingido, em igual período do ano passado (5,5%). Em contraponto, as vendas presenciais recuaram 2,2%, enquanto

o varejo em geral teve queda de 0,9%, em igual comparativo. Pelo comparativo anual, os segmentos em alta foram: livrarias e Papelarias (8,9%), Brinquedos (6,1%), Recreação e Lazer (5,1%) e Turismo e Transporte (2,6%). No polo inverso, cairam faturamento Alimentação (-10,1%) e Vestuário (-5,1%).

Pará lidera

Coube ao Pará o melhor desempenho regional, no comparativo anual, com crescimento de 5,5%, seguido bem depois Santa Catarina (+2,8%), Distrito Federal (+2,5%) e Rio de Janeiro (+1,2%), ao passo que o Amazonas e a Bahia recuaram 10,2% e 6,5%, respectivamente.

Norte 'forte'

Pelo critério de vendas presenciais do varejo ampliado, captadas pelo ICVA, as regiões Norte foram apresentaram altas de 1,4% e de 0,6%, respectivamente, enquanto as regiões Nordeste (-3,4%), Centro-Oeste (-3,3%) e Sudeste (-2,9%) recuaram ante o ano passado.

Desaceleração

Pouco inferior à expansão de 0,88% de agosto, os aluguéis subiram 0,65% em setembro, nas 36 monitoradas pelo Índice FipeZap, o que indica um ciclo de forte desaceleração, após avanços de 1,12%, em julho, e de 1,43% em junho. A variação soma 13,75% em 12 meses.

Índice 'ganha'

Embora descreva 'arrefecimento', a variação acumulada do indicador de aluguéis supera à dos indicadores inflacionários, como o IPCA (4,42%), e IGP-M (4,53%). Somente o ano, o crescimento do FipeZap somou 10,90% ante às variações dos índices citados.

Pela 2ª vez seguida, Monitor do PIB recua 0,2% em agosto

Indústria estagnada e retração de serviços explicam queda

Por Marcello Sigwalt

A estagnação da indústria e retração dos serviços estão entre os fatores determinantes da queda, pelo segundo mês consecutivo, do Monitor do PIB, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), que recuou 0,2% em agosto, ante o mês anterior. Se considerado o comparativo anual, a economia avançou 3,4% e cresceu 2,8%, nos últimos 12 meses, contados até agosto. Já no trimestre móvel encerrado em agosto, houve alta ainda mais expressiva, de 4,1%.

Na avaliação da coordenadora da pesquisa do indicador, Juliana Trece, "a queda da economia, pelo segundo mês consecutivo, é explicada pela estagnação da indústria e a retração dos serviços. Das três grandes atividades econômicas, apenas a agropecuária cresceu na comparação de agosto com julho".

Exportação tem 'tombo'

Pela ótica da demanda, prossegue Juliana, a maior parte dos



Portal FGV

Indicador reflete estagnação da indústria e retração do setor de serviços

componentes avançou, com exceção da exportação, que apurou 'tombo' de 2,5% em agosto. "Os menores níveis de exportação de produtos agropecuários e da extrativa ajudam a explicar essa retração", completou.

A coordenadora acrescenta que, em que pese o fato de que, pela ótica da demanda, a maior parte dos componentes tenha

tido desempenho positivo, as exportações líquidas negativas superaram esse crescimento, o que redundou em uma contribuição 'relevante' para a queda do PIB em agosto.

No que toca ao trimestre móvel até agosto, no comparativo anual, o consumo das famílias exibiu elevação de 4,6%, em que o indicador apresentou

crescimento em todas as suas categorias, em especial, os serviços, setor que mais contribuiu para a alta trimestral fechada em agosto.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, medida dos investimentos no PIB), por sua vez, subiu 7,5% no trimestre até agosto, em comparação com o mesmo período de 2023.

Recuo do Agro afeta as exportações

Em nota, o Ibre/FGV, explica que "desde o segundo trimestre, os investimentos têm dado contribuições expressivas que são, em parte, devido à base de comparação deprimida de 2023. Os segmentos da construção e de outros da FBCF, embora em menor magnitude, também contribuíram positivamente para este desempenho".

No que se refere às exportações, estas avançaram 1% no trimestre móvel terminado em

agosto, com desaceleração em relação aos meses anteriores, o que pode ser explicada, principalmente, pela redução da contribuição positiva das exportações de produtos agropecuários e da extrativa mineral.

"Esses dois componentes, que contribuíram com cerca de 8,0 p.p., em conjunto, para o desempenho trimestral positivo das exportações no ano passado, contribuíram apenas com 1,2 p.p. no trimestre findo

em agosto, a menor contribuição desde fevereiro de 2023", informou.

Já as importações tiveram alta de 18,7% no trimestre móvel até agosto, e registraram um crescimento disseminado. Mas, segundo o Ibre/FGV, os bens intermediários destacam-se como os principais responsáveis pelo crescimento, mas os bens de consumo, os serviços e os bens de capital também cresceram significativamente.

Em termos monetários, estima-se que o PIB de 2024 acumulado até julho, em valores correntes, tenha sido de R\$ 7,570 trilhões. A taxa de investimento em agosto ficou em 18,1%, acima das taxas médias de investimento desde 2000 e desde 2015, concluiu o Ibre/FGV.

O Monitor do PIB antecipa a tendência do principal índice da economia, com base as mesmas fontes de dados do IBGE.

Produção da safra deve crescer 8,3%

OCB-MS

Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que a produção de grãos no Brasil terá crescimento recorde de 8,3% na temporada 2024/25, chegando a 322,47 milhões de toneladas. Se confirmado, o resultado representa acréscimo de 24,5 milhões de toneladas, ante o ciclo anterior.

A projeção consta do 1º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, divulgado nesta terça-feira (15). Em termos de área, o crescimento estimado é de 1,9%, totalizando 81,34 milhões de hectares a serem utilizados nesta safra.

Segundo a Conab, a área destinada à produção de arroz é 9,9% maior do que a utilizada no ciclo anterior. Essa alta foi percebida em todas as regiões do país, sendo de forma mais intensa no Centro-Oeste (33,5%) e no Sudeste (16,9%).

"Só em Mato Grosso, os



Safra terá produção recorde de 322,47 milhões de toneladas

produtores vão destinar mais de 133 mil hectares para cultivo do grão, elevação de 39,3% quando comparada com a área registrada na temporada de 2023/24. Em Goiás, o aumento chega a 24%, índice pouco menor que o registrado em Minas Gerais, onde se verifica alta

de 25,1%", informou a Conab.

Principal região produtora de arroz no país, a Região Sul também ampliará sua área de cultivo, devendo chegar a 1,16 milhão de hectares. "Esse cenário influencia na expectativa de maior produção, com a colheita estimada em 12 milhões de to-

neladas, recuperando o volume obtido na safra 2017/2018", segundo a companhia.

De acordo com o presidente da Conab, Edegar Pretto, a previsão é que o Brasil volte ao patamar das maiores safras de arroz da sua história. "Isso é resultado do trabalho de produtores em parceria com o governo federal, que voltou a elaborar políticas para todo o campo agrícola, para pequenos, médios e grandes produtores", justificou.

A Conab prevê aumento de área semeada para a produção de feijão, passando de 2,86 milhões de hectares em 2023/24 para 2,88 milhões de hectares no atual ciclo. "Cultivado ao longo do ano, a maior elevação é esperada para a área semeada na 1ª safra da leguminosa, com alta de 2,3%, sendo estimada em 881,3 mil hectares, resultando em uma produção de 947,3 mil toneladas".

Área de cultivo da soja deve aumentar

A previsão é de aumento também da área destinada ao cultivo de soja. A Conab estima que essa elevação, entre a safra atual e a anterior, chegará a 2,8%. Este aumento, no entanto, é o terceiro menor percentual de incremento desde o ciclo 2009/2010. Isso se deve ao atraso do início das chuvas este ano, principalmente no Centro-Oeste. A produção estimada é de 166,05 milhões de toneladas.

Já a expectativa com relação ao milho é de recuperação estimada em 3,5% da safra. A colheita total deve ficar em torno de 119,74 milhões de toneladas, com a área se mantendo em 21 milhões de hectares.

"Na primeira safra do cereal, tanto a produção como a área cultivada a expectativa é de redução de 1,1% e 5,4% respectivamente, passando para 3,76 milhões de hectares semeados, com a produção estimada em

22,72 milhões de toneladas", detalhou a Conab.

No caso do algodão, a previsão sugerida neste primeiro levantamento indica crescimento de 2,9% na área a ser semeada, chegando a um total de 2 milhões de hectares. A produção da pluma está estimada em 3,67 milhões de toneladas.

"A primeira expectativa de produção acima de 12 milhões de toneladas para as culturas de inverno não se confirmou,

influenciada principalmente pelas condições climáticas nas regiões produtoras. O trigo, principal cultura dentre os cultivos de inverno, teve a previsão de safra reduzida para 8,26 milhões de toneladas", explicou a Conab.

Segundo a companhia, o resultado se deve a problemas no clima, em especial no Paraná, onde ocorreram estiagens, e à "falta de clima frio predominante".